

## ENTREVISTA



Rachel Saksanian Hallak

### “A Psicologia é linda, ela dá uma nova visão do ser humano.”

Rachel Saksanian Hallak é formada em Psicologia e trabalha com terapia familiar. Nesta entrevista ela faz uma descrição detalhada e entusiasmada desse curso. Ela fala de seus trabalhos de pesquisa e estágios, e mostra seus planos: “Meu projeto é ser professora universitária e ter meu consultório”.

**JC – Quando e por que você escolheu Psicologia como carreira?**

**Rachel –** Desde a 7ª série. Eu tinha um trabalho de Ciências que tinha algo sobre Psicologia. Gostei muito de fazer o trabalho e me interessei por essa área.

**Como foi o início dos estudos no Etapa?**

Entre no 1º ano do Ensino Médio. Foi um novo ritmo de estudos e de provas. Mas consegui me adaptar e criei uma rotina de estudos. No 2º ano peguei mais sério nos estudos. Estudava duas horas por dia de segunda a sexta-feira. Quando precisava, estudava no fim de semana.

**No 3º ano você teve que mudar sua rotina de estudo por causa do vestibular?**

Um pouco. Eu gostava muito de fazer esportes, mas no segundo semestre do 3º ano havia o reforço à tarde. Parei um pouco com os esportes por causa do horário. Também parei o inglês para estudar mais.

**Você se sentia preparada para passar na Fuvest?**

A nota de corte de Psicologia era alta, no meu ano foi 67. Com as notas que tinha nos simulados vi que poderia passar. Confiava muito, acreditava no preparo que tinha.

**Como foi o início na USP?**

Acho que um “problema” de você entrar direto na faculdade é que no colégio você ainda deve satisfação, você tem uma cobrança de provas. E na faculdade não tem nada disso, você não precisa pedir permissão para sair da sala, você é responsável pelos seus estudos, não tem ninguém te cobrando. É complicado você ter que se policiar.

**Quanto demorou até entrar no ritmo da faculdade?**

Na Psicologia, no 1º e 2º ano você tem Estatística e Biologia, que não imagina ver no curso. São os anos mais chatos.

### ENTREVISTA

Carreira – Psicologia

**1**

### POIS É, POESIA

Castro Alves

**7**

### ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa ganham medalhas em olimpíadas internacionais

**8**

### CONTO

 Corinthians (2) vs Palestra (1) –  
 Antônio de Alcântara Machado

**4**

### SOBRE AS PALAVRAS

Chato de galocho

**7**

### MAS, MÁ, MAIS

[E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Chácara – Xácara

**8**

### ARTIGO

O tráfico negreiro

**5**

**Como se desenvolve o curso de Psicologia?**

O início é bem básico. Na USP tem aquele esquema de matérias obrigatórias e matérias optativas. No começo temos só matérias obrigatórias, com introdução a todas as linhas da Psicologia. No 3º ano você começa a ver coisas só de Psicologia, as várias áreas em que a Psicologia atua. Não só diferentes linhas, mas as diferenças de atuação. Você pode ser um psicólogo que trabalha num hospital, em escola, numa UBS, ou num CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial, da Prefeitura. Também pode trabalhar numa clínica de emagrecimento, em educação alimentar.

**Que matérias você teve a partir do 3º ano?**

Psicologia Social, Psicologia do Trabalho, mais matérias sobre como o psicólogo atua na sociedade, quais são suas possibilidades. Você começa a se aprofundar nas linhas teóricas, principalmente naquela com que você se identifica, que você escolhe fazer nas matérias optativas. Fora isso tem matérias que exigem estágios obrigatórios. Em Psicopatologia você começa a ver as patologias mentais, psicose dos sofrimentos. Tem a matéria e tem estágio da matéria em hospital psiquiátrico. Psicologia Escolar também tem estágio. Tem de fazer em escola. Esse eu fiz em uma escola pública, no Fundamental I, até o 5º ano. A gente ficava na sala com o professor e observava o comportamento das crianças.

**Como era o estágio no hospital psiquiátrico?**

A professora tinha a equipe que organizava os grupos, cada grupo ia num dia da semana e ficava duas horas atendendo os pacientes do hospital. Uma psicóloga formada orientava no atendimento.

**Quais foram os outros estágios que você fez?**

No 4º ano tem bastante estágio. É quando começam as matérias de atendimento clínico específico. Você recebe encaminhamento de pacientes, pega um paciente para atender durante um semestre. Como num consultório. A gente tem a clínica-escola, com salas para atendimento individual, sala de atendimento de casal, sala de atendimento em grupo. Você faz matérias de Orientação Profissional, atende grupos de adolescentes. E no 4º ano tive uma matéria muito legal, Psicologia Institucional. O trabalho era analisar aquilo que a pessoa fala, num grupo de Alcoólicos Anônimos.

**No 4º e no 5º ano cada matéria é um estágio?**

Exato. No 5º ano todas as matérias são optativas e a maioria conta como estágios. Você ainda não tem experiência clínica. Tem muita dificuldade de analisar, de entender. Então conta com um professor que orienta e auxilia nos seus atendimentos. A supervisão começa desde o Atendimento Clínico no 4º ano e continua em todas as maté-

rias de atendimento. Fiz a matéria de Terapia Familiar, com estágio – com supervisão – atendendo famílias. O professor discutia o caso com a gente. As matérias dos últimos anos formam um tripé: o teórico, o prático e a supervisão.

**Como foi sua escolha por Terapia Familiar como sua especialidade?**

Eu queria a área clínica e sempre gostei das relações humanas. Gosto muito de observar as pessoas quando interagem. Não existe um campo melhor para olhar isso do que a família. E a relação entre o casal.

**Você trabalha com terapia de casal também?**

Eu me formei e fiz especialização em Psicoterapia de Casal e de Família. Eu amo essa área. Fiz essa matéria no 5º ano e depois continuei estagiando com isso, com a professora que tinha um laboratório de estudos de terapia familiar.

**Logo depois de formada?**

A especialização, sim. Fiz mais dois cursos. Um sobre eutonia e imagem corporal. Eutonia é uma prática sobre consciência corporal. Eutonista é a profissional que usa toques no corpo, que têm a ver com o bem-estar. Depois eu fiz dois anos de especialização em casal e família. Depois fiz curso de entrelaços psíquicos entre mães e filhas. Mais um curso sobre sexualidade humana, no segundo semestre do ano passado. No HCor, curso de aprimoramento em Psicologia Hospitalar, de uma semana.

**Como foi o trabalho de pesquisa durante o curso?**

Fiz dois trabalhos de pesquisa. Um, no segundo semestre do 2º ano, sobre linguagem não verbal, bem interessante. Colocávamos problemas de lógica para a pessoa resolver enquanto era filmada através de um espelho. Queríamos ver suas expressões durante a concentração. Fizemos isso junto com um professor da França. A pesquisa durou mais de um ano.

**Qual foi o outro trabalho de pesquisa?**

Foi sobre autoestima, fiz no 4º ano. Para saber o quanto nossas dimensões corporais têm a ver com a nossa autoestima. A percepção que a pessoa tem dela mesma. Tiramos medidas reais e questionamos sobre as medidas hipotéticas que a pessoa achava que tinha. Depois comparamos esses dados com um teste de autoestima. A conclusão foi que não se pode afirmar que a dimensão corporal afeta a autoestima da pessoa.

**O curso de Psicologia dura cinco anos e você ficou seis nele. O que levou a esse ano extra?**

O ritmo no começo é muito puxado. Você chega a ter 36 horas de aulas na semana. No primeiro semestre do 1º ano eu peguei todas as obrigatórias. No segundo

semestre já não peguei uma matéria. No 2º ano não peguei duas, para depois repor. Algumas matérias mais complexas eu fui fazer depois, mais amadurecida. E fiz matérias de outras áreas que me interessavam. Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e na Escola de Comunicações e Artes. Fiz Literatura Grega, Cultura Árabe, Cultura Armênia, História da Arte.

### **Durante o curso, além das aulas, pesquisas e estágios, você chegou a ter alguma atividade extraclasse?**

Eu fazia esportes. Treinava futsal, vôlei, basquete. Participei do Interusp. Treinava no São Paulo. Desde o começo na faculdade eu jogo pádel, um esporte que poucos conhecem. Parece tênis. A quadra é fechada, tem uma rede no meio, só que se joga em dupla e é muito rápido.

### **Como estão seus estudos agora?**

Nesta área não tem como parar. Depois de formada apresentei um trabalho num congresso em Veneza. Foi em 2012, na época em que estava fazendo especialização e ainda era voluntária no laboratório de casal e família, na USP. Fiquei dois anos nesse laboratório. Enquanto fazia especialização eu atendia no laboratório. Meu trabalho foi escrito a 10 mãos, tinha eu, o supervisor da USP, a professora da USP, e meus dois professores da especialização. Foi um trabalho muito legal, tenho muito orgulho dele. Nunca tinha viajado para tão longe. Já tinha viajado pela América do Sul, mas cruzado o oceano, nunca. O congresso durou quatro dias, fiquei 20 dias na Europa e fui conhecer Paris e Amsterdã.

### **Como está o trabalho como psicóloga?**

A parte clínica, que sempre quis, é a mais difícil de você se estabelecer. Você tem que fazer contatos, conhecer pessoas. Na USP tem um Serviço de Atendimento Psicológico, o SAP, que faz encaminhamento de pacientes. Fiz o meu cadastro porque eu preferia atender de graça a não trabalhar.

### **Você já conseguiu trabalhar em consultório?**

Já. Eu tinha uma colega que atendia em Pinheiros. Ela me mostrou como funcionava seu consultório. Tinha cinco salas, cada sala era usada por dois ou três psicólogos. Uma das salas tinha uma moça procurando alguém para dividir. Entrei em contato com ela, fiquei com parte dos horários disponíveis. Ela ficava com metade e outra moça com um quarto do tempo. Meus pacientes foram aumentando, a outra menina que tinha um quarto do tempo saiu, aí chamei um amigo para ficar com o lugar dela. E começamos os dois a ter mais pacientes. Saímos de lá e montamos uma sala nossa.

### **Você acha que é bom dividir sala, ter um amigo para trocar ideias sobre os pacientes?**

Sobre paciente, raramente. Mas a gente tem supervisão. A maioria dos psicólogos tem um supervisor, uma retaguarda. Seu supervisor também tem um supervisor. Existe troca profissional com alguém mais experiente.

### **Como é essa supervisão?**

Supervisão é mais uma discussão de casos, uma ampliação de seu olhar.

### **Você pretende fazer alguma pós?**

Quero fazer mestrado. Era para ter me inscrito no meio do ano. Quero ver se faço no fim do ano. Quero ser professora universitária dentro da área de Psicanálise Familiar.

### **Mestrado na USP?**

Na USP. Quero dar aula. Sempre gostei muito de estudar, acho que isso é uma das marcas que o Etapa deixou em mim. Sempre gostei de dar aula. Na faculdade, comecei a dar aula particular para Ensino Fundamental, qualquer matéria. Até hoje dou aula. Só que hoje dou aula diferente, faço consultoria pedagógica, trabalho muito mais com o psicológico, com organização da pessoa que me procura. Tenho parceria com uma pedagoga que encaminha casos. Por exemplo, se um aluno me liga, tem uma prova de Matemática amanhã e quer uma aula hoje, desculpe, não é o que faço. O que eu faço é pegar um aluno que tem déficit de atenção, que tem problemas familiares, e ensino a estudar.

### **Como você se vê daqui a 10 anos?**

Meu projeto é ser professora universitária e ter meu consultório.

### **Em seu tempo no colégio tinha alguma matéria de que você não gostava muito, mas no dia a dia se mostrou importante?**

Sempre gostei de todas as matérias. Sempre fui muito bem em Matemática e Química. Gabaritei Química na Fuvest. Na 2ª fase de Matemática errei só uma questão. Eu gosto de tudo. Acho que o gosto por estudo foi o que eu mais levei daqui.

### **O que mais você pode dizer a quem vai prestar Psicologia no final deste ano?**

A Psicologia é linda, ela dá uma nova visão do ser humano. Você aprende a enxergar a outra pessoa como alguém de vontades próprias, de desejos próprios, inseguranças próprias. Você tem que respeitar o outro por mais que o pensamento dele seja diferente do seu. Acho que este é o maior aprendizado que a Psicologia nos dá.

# Corinthians (2) vs Palestra (1)

Antônio de Alcântara Machado

**P**rrrii!

– Aí, Heitor!

A bola foi parar na extrema esquerda. Melle desembestou com ela. A arquibancada pôs-se em pé. Conteve a respiração. Suspirou:

– Aaaa!

Miquelina cravava as unhas no braço gordo da Iolanda. Em torno do trapézio verde a ânsia de vinte mil pessoas. De olhos ávidos. De nervos elétricos. De preto. De branco. De azul. De vermelho.

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

– Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

– Goooo! Goooo!

Miquelina ficou abobada com o olhar parado. Arquejando. Achando aquilo um desaforo, um absurdo.

Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá! Hurra! Hurra! Corinthians!

Palhetas subiram no ar. Com os gritos. Entusiasmos rugiam. Pulavam. Dançavam. E as mãos batendo nas bocas:

– Go-o-o-o-o-ol!

Miquelina fechou os olhos de ódio.

– Corinthians! Corinthians!

Tapou os ouvidos.

– Já me estou deixando ficar com raiva!

A exaltação decresceu como um trovão.

\*\*\*

– O Rocco é que está garantindo o Palestra. Aí, Rocco! Quebra eles sem dó!

A Iolanda achou graça. Deu risada.

– Você está ficando maluca, Miquelina. Puxa! Que bruta paixão!

Era mesmo. Gostava do Rocco, pronto. Deu o fora no Biagio (o jovem e esperançoso esportista Biagio Panaiocchi, diligente auxiliar da firma desta praça G. Gasparoni & Filhos e denodado meia-direita do S. C. Corinthians Paulista, campeão do Centenário) só por causa dele.

– Juiz ladrão, indecente! Larga o apito, gatuno!

Na Sociedade Beneficente e Recreativa do Bexiga toda a gente sabia de sua história com o Biagio. Só porque ele era frequentador dos bailes dominicais da Sociedade não pôs mais os pés lá. E passou a torcer para o Palestra. E começou a namorar o Rocco.

– O Palestra não dá pro pulo!

– Fecha essa latrina, seu burro!

Miquelina ergueu-se na ponta dos pés. Ergueu os braços. Ergueu a voz:

– Centra, Matias! Centra, Matias!

Matias centrou. A assistência silenciou. Imparato emendou. A assistência berrou.

– Palestra! Palestra! Aleguá-guá! Palestra! Aleguá! Aleguá!

O italianinho sem dentes com um soco furou a palheta Ramenzoni de contentamento. Miquelina nem podia falar. E o menino de ligas saiu de seu lugar, todo ofegante, todo vermelho, todo triunfante, e foi dizer para os primos corinthianos na última fileira da arquibancada:

– Conheceram, seus canjas?

\*\*\*

O campo ficou vazio.

– O'... lh'a gasosa!

Moças comiam amendoim torrado sentadas nas capotas dos automóveis. A sombra avançava no gramado maltratado. Mulatas de vestidos azuis ganhavam beliscões. E riam. Torcedores discutiam com gestos.

– O'... lh'a gasosa!

Um aeroplano passeou sobre o campo.

Miquelina mandou pelo irmão um recado ao Rocco.

– Diga pra ele quebrar o Biagio que é o perigo do Corinthians. Filipino mergulhou na multidão.

\*\*\*

Palmas saudaram os jogadores de cabelos molhados.

Prrrii!

– O Rocco disse pra você ficar sossegada.

Amílcar deu uma cabeçada. A bola foi bater em Tedesco que saiu correndo com ela. E a linha toda avançou.

– Costura, macacada!

Mas o juiz marcou um impedimento.

– Vendido! Bandido! Assassino!

Turumbamba na arquibancada. O refle do sargento subiu a escada.

– Não pode! Põe pra fora! Não pode!

Turumbamba na geral. A cavalaria movimentou-se.

Miquelina teve medo. O sargento prendeu o palestrino. Miquelina protestou baixinho:

– Nem torcer a gente pode mais! Nunca vi!

\*\*\*

– Quantos minutos ainda?

– Oito.

\*\*\*

Biagio alcançou a bola. Aí, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Aí! Reparou. Hesitou. Biagio! Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! É agora. Aí! Olha o Rocco! Caiu.

– CA-VA-LO!

Prrrii!

– Pênalti!

\*\*\*

Miquelina pôs a mão no coração. Depois fechou os olhos. Depois perguntou:

- Quem é que vai bater, Iolanda?
  - O Biagio mesmo.
  - Desgraçado.
- O medo fez silêncio.

Prrriii!

Pan!

- Go-o-o-o-ol! Corinthians!

\*\*\*

- Quantos minutos ainda?

Pri-pri-pri!

- Acabou, Nossa Senhora!

Acabou.

\*\*\*

As árvores da geral derrubaram gente.

- Abr’a porteira! Rá! Fech’a porteira! Prá!

O entusiasmo invadiu o campo e levantou o Biagio nos braços.

- Solt’ o rojão! Fiu! Rebut’a bomba! Pum! CORÍNTHIANS!

O ruído dos automóveis festejava a vitória. O campo foi-se esvaziando como um tanque. Miquelina murchou dentro de sua tristeza.

- Que é – que é? É jacaré? Não é!

Miquelina nem sentia os empurrões.

- Que é – que é? É tubarão? Não é!

Miquelina não sentia nada.

- Então que é? CORÍNTHIANS!

Miquelina não vivia.

\*\*\*

Na Avenida Água Branca os bondes formando cordão esperavam campainhando o zé-pereira.

- Aqui, Miquelina.

Os três espremeram-se no banco onde já havia três. E gente no estribo. E gente na coberta. E gente nas plataformas. E gente do lado da entrevista.

A alegria dos vitoriosos demandou a cidade. Berrando, assobiando e cantando. O mulato com a mão no guindaste é quem puxava a ladainha:

- O Palestra levou na testa!

E o pessoal entoava:

- *Ora pro nobis!*

Ao lado de Miquelina o gordo de lenço no pescoço desabafou:

- Tudo culpa daquela besta do Rocco!

Ouviu, não é Miquelina? Você ouviu?

- Não liga pra essas trouxas, Miquelina.

Como não liga?

- O Palestra levou na testa!

Cretinos.

- *Ora pro nobis!*

Só a tiro.

\*\*\*

- Diga uma cousa, Iolanda. Você vai hoje na Sociedade?

- Vou com o meu irmão.

- Então passa por casa que eu também vou.

- Não!

- Que bruta admiração! Por que não?

- E o Biagio?

- Não é de sua conta.

Os pingentes mexiam com as moças de braço dado nas calçadas.

Extraído de: *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

## ARTIGO

## O tráfico negreiro

André Kédros

Os descobrimentos portugueses e o impulso que o Infante D. Henrique, o Navegador (1394-1460), deu às expedições negreiras estiveram na origem da introdução, desde o início do século XV, tanto em Portugal quanto na Espanha, de numerosos escravos negros originários da costa ocidental da África. Mas foi a descoberta do Novo Mundo que estimulou possantemente o tráfico de negros. A partir de São Domingos (Hispaniola), a conquista espanhola ganhou Porto Rico, Jamaica e Cuba. Os primeiros escravos desembarcados nas Caraíbas vinham da Espanha ou de Portugal. Entretanto, os escravos eram logo expedidos diretamente da costa da Guiné. Eram destinados às plantações e às minas de cobre.

O rei da Espanha outorgou, em 12 de fevereiro de 1528, a primeira licença (*asiento*) para o comércio regular de escravos

a dois profissionais alemães, Heinrich Ehinger e Hieronimus Saylor, agentes dos Welser, banqueiros que, com os Fugger, dominavam as finanças espanholas. Em seguida, outros *asientos* autorizaram traficantes portugueses ou espanhóis a transportar escravos para as Caraíbas, a partir dos seguintes pontos: Sevilha, Lisboa, ilhas Canárias, ilhas de Cabo Verde, São Tomé, Angola, São Jorge de Mina.

Este tráfico “legal” não impediu ingleses e holandeses de entregar clandestinamente escravos negros aos colonos espanhóis de São Domingos e outras áreas, em troca de ouro, açúcar e couro. O monopólio espanhol foi decididamente vencido após a derrota da Invencível Armada, em 1588, e a ocupação da Jamaica pelos ingleses. Sir Francis Drake e Sir John Hawkins, os principais artesãos do desastre marítimo espanhol, transformaram-se também nos pilares da Company

of Royal Adventures, fundada com autorização e participação financeira da rainha Elisabeth (1533-1603), e que praticará o tráfico dos negros na costa africana, do Senegal até o rio Gâmbia. Mais corsários e piratas que traficantes, esses aventureiros de alta linhagem fizeram da ilha Tortuga, nas Caraíbas, seu refúgio favorito.

Os holandeses que, a partir do final do século XVI, tinham reconquistado a sua independência e arrancado dos portugueses alguns dos pontos de apoio na costa africana lançaram-se ao comércio de escravos em grande escala.

Enfim, sob a autoridade de Richelieu, mas sobretudo sob a de Colbert, depois que ocuparam Tortuga e São Domingos, os franceses conseguiram a sua parte nesse comércio internacional muito especial. Depois dos armadores de Le Havre, os de Dieppe, de Rouen, de Saint-Malo e, mais tarde, de Bordéus compraram escravos no Senegal, em Cabo Verde e em outros lugares, para revendê-los, sempre como os seus concorrentes ingleses, holandeses e portugueses, nos portos das Antilhas, da Guiana, da América do Norte, da Venezuela, do Brasil, etc. Com efeito, após ter quase exterminado os índios aborígenes e levando em conta também as taxas de mortalidade elevadas que reinavam entre os escravos negros importados, as colônias das ilhas e do continente americano se encontravam permanentemente com falta de mão de obra. De 1666 a 1800, foram conduzidos para as colônias do Novo Mundo mais de 10 milhões de escravos negros.

A rota triangular dos negreiros era, então, a seguinte: partiam dos portos europeus com navios carregados de mercadorias de pacotilha\*, adquiriam, nos mercados de escravos da costa africana (mais frequentemente por meio da troca), os escravos negros que transportavam e revendiam ao Novo Mundo com um lucro considerável; retornavam em seguida aos seus portos de origem com os navios carregados de preciosos gêneros coloniais: ouro, açúcar, tabaco, algodão, couro, etc. Vários autores puderam assim afirmar que o florescimento não só do comércio internacional, mas também da industrialização dos países da Europa Ocidental (onde se fabricavam, por exemplo, barras de ferro e peças de algodão destinadas à troca negreira), foi devido, em grande parte, ao tráfico dos negros.

Na Europa e na Ásia, criou-se o hábito, desde a Antiguidade, de não mais exterminar os prisioneiros, mas de fazer deles, frequentemente, escravos. Isso era válido também, numa escala relativamente reduzida, para a África. Assim, nas guerras entre as tribos, os prisioneiros, submetidos a uma condição servil, eram mais ou menos integrados à comunidade que os acolhia. Mas o tráfico atlântico inverteu os dados do problema. Estimulados pelo atrativo do ganho, os numerosos chefes de tribo ou de aldeia que partilharam os despojos do grande império africano songai (do início do século XV ao final do século XVI) dedicaram-se a guerrear-se uns aos outros incessantemente, com o único objetivo de arranjar cativos, que vendiam em seguida nos grandes mercados de escravos de Segu, do Bambarena, do Khasso e do Bambuk.

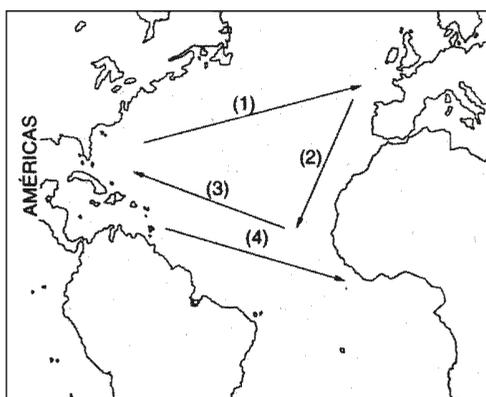
De lá, mercadores indígenas que os europeus chamavam de “corretores” (principalmente os sarakolé, os mandinga e os haússas) os conduziam para as feitorias europeias da costa, infligindo-lhes, no decorrer da viagem, privações e tratamentos cruéis destinados a matar neles qualquer veleidade de revolta. Com medo das feras, as caravanas que deviam reunir-se aos franceses só tomavam o caminho do Galam na proximidade das chuvas; as que se dirigiam para os ingleses só se punham em movimento pela Gâmbia quando os rios estavam vadeáveis e o mato destruído pelo fogo. A ilha de Gorée foi durante muito tempo um dos mais importantes “campos de triagem” dos escravos encaminhados por essas caravanas.

Intenso até a derrocada (em 1592) do império songai, o tráfico praticado pelos árabes, e mais geralmente pelos muçulmanos, tornou-se mais fraco no início do século XVII, para ser retomado vigorosamente a seguir. As caravanas tomavam como carga os escravos na região que se estende do país dos haússas ao lago Chade, depois subiam para o norte por Zinder e Agades. A partir do Fezzan, os tuaregues as conduziam para Tripolitânia e Ghadamés. De lá, as caravanas se separavam para se dirigir para Marrocos e Tunísia. Os escravos negros atravessavam, a pé, 3 000 km de deserto. De Túnis, assim como de Trípoli, eram enviados ao Levante e vendidos pela quarta ou quinta vez.

Ao leste, os principais centros de tráfico eram Mombaça, Zanzibar, Kilwa e Bagamoyo. A partir desses centros, os mercadores árabes se internavam pelo continente africano até o Congo e mesmo até Angola. Enquanto, sob o efeito das revoltas de escravos (como em São Domingos) e das leis que visavam a abolição da escravatura, o tráfico praticado pelos europeus tendia, no decorrer do século XIX, a se enfraquecer ou a se tornar clandestino, ganhava em importância em regiões do leste africano.

Considera-se hoje que a escravidão, no sentido próprio da palavra, está universalmente abolida. Em todo o caso, está universalmente condenada. A maioria das nações africanas atingiu a independência. Mas imagina-se que elas conservam marcas terríveis que lhes infligiram as feridas, cuja cicatrização só pode ser longa e difícil.

Traduzido por Eliane Zagury.



- (1) Produtos das colônias  
 (2) Mercadorias para trocar por escravos  
 (3) Escravos  
 (4) Tabaco para trocar por escravos

## Biografia

André Kédros é um escritor grego que escreve em francês. Publicou uma dezena de romances que foram traduzidos para diversas línguas e é autor de *História da resistência grega*. Sob o pseudônimo de André Massepain já escreveu vários livros para crianças, que, traduzidos para muitas línguas, lhe valeram uma série de prêmios.

(\*) **pacotilha**: artigo mal-acabado, grosseiro.

# Castro Alves

## A uma estrangeira

### Lembrança de uma noite no mar

Sens-tu mon coeur, comme il palpité?  
Le tien comme il battait gaiement!  
Je m'en vais pourtant, ma petite,  
Bien loin, bien vite,  
Toujours t'aimant.

(Chanson)

Inês! nas terras distantes,  
Aonde vives talvez,  
Inda lembram-te os instantes  
Daquela noite divina?...  
Estrangeira, peregrina,  
Quem sabes? – Lembras-te, Inês?

Branda noite! A noite imensa  
Não era um ninho? – Talvez!...  
Do Atlântico a vaga extensa  
Não era um berço? – Oh! Se o era...  
Berço e ninho... ai, primavera!  
O ninho, o berço de Inês.

Às vezes estremecias...  
Era de febre? Talvez...  
Eu pegava-te as mãos frias  
P'ra aquecê-las em meus beijos...  
Oh! palidez! Oh! desejos!  
Oh! longos cílios de Inês.

Na proa os nautas cantavam;  
Eram saudades?... Talvez!  
Nossos beijos estalavam  
Como estala a castanhola...  
Lembras-te acaso, espanhola?  
Acaso lembras-te, Inês?

Meus olhos nos teus morriam...  
Seria vida? – Talvez!  
E meus prantos te diziam:  
“Tu levas minh'alma, ó filha,  
Nas rendas desta mantilha...  
Na tua mantilha, Inês!”

De Cadiz o aroma ainda  
Tinhas no seio... – Talvez!  
De Buenos Aires a linda,  
Volvendo aos lares, trazia  
As rosas de Andaluzia  
Nas lisas faces de Inês!

E volvia a Americana  
Do Plata às vagas... Talvez?  
E a brisa amorosa, insana  
Misturava os meus cabelos  
Aos cachos escuros, belos,  
Aos negros cachos de Inês!

Às estrelas acordavam  
Do fundo do mar... Talvez!  
Na proa as ondas cantavam,  
E a serenata divina  
Tu, com a ponta da botina,  
Marcavas no chão... Inês!

Não era cumplicidade  
Do céu, dos mares? Talvez!  
Dir-se-ia que a imensidade  
– Conspiradora mimosa –  
Dizia à vaga amorosa:  
“Segreda amores a Inês!”

E como um véu transparente,  
Um véu de noiva... talvez,  
Da lua o raio tremente  
Te enchia de casto brilho...  
E a rastos no tombadilho  
Caía a teus pés... Inês!

E essa noite delirante  
Pudeste esquecer? – Talvez...  
Ou talvez que neste instante,  
Lembrando-te inda saudosa  
Suspires, moça formosa!...  
Talvez te lembres... Inês!

Curralinho, 2 de julho de 1870.

## Versos de um viajante

Ai! nenhum mago da Caldeia sábia  
A dor abrandará que me devora.

F. Varela

Tenho saudades das cidades vastas,  
Dos ínvios cerros, do ambiente azul...  
Tenho saudades dos cerúleos mares,  
Das belas filhas do país do sul!

Tenho saudades de meus dias idos  
– Pét'las perdidas em fatal paul –  
Pét'las, que outrora desfolhamos  
[juntos,  
Morenas filhas do país do sul!

Lá onde as vagas nas areias rolam,  
Bem como aos pés da Oriental  
[‘Stambul...

E da Tijuca na nitente espuma  
Banham-se as filhas do país do sul.

Onde ao sereno a magnólia esconde  
Os pirilampos “de lanterna azul”,  
Os pirilampos, que trazeis nas coifas,  
Morenas filhas do país do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,  
– Rosa de Espanha no hibernal  
[Friul –  
Quando o estudante e a serenata  
[acordam  
As belas filhas do país do sul.

Das várzeas longas, das manhãs  
[brumosas,  
Noites de névoas, ao rugitar do sul,  
Quando eu sonhava nos morenos  
[seios  
Das belas filhas do país do sul.

Em caminho. Fevereiro de 1870.

Extraído de: “Espumas Flutuantes”.  
In: *Obras Completas*, Nova Aguilar, 1976.

## SOBRE AS PALAVRAS

# Chato de galocha

A galocha era um tipo de calçado de borracha colocado por cima dos sapatos para reforçá-los e protegê-los da chuva e da lama. Por isso, há uma hipótese de que a expressão tenha vindo da habilidade de reforçar o calçado. Ou seja, o chato de galocha seria um chato resistente e insistente.

# Alunos do Colégio Etapa ganham medalhas em olimpíadas internacionais

A 47ª Olimpíada Internacional de Química (International Chemistry Olympiad – IChO) foi realizada em Baku, no Azerbaijão, entre os dias 20 e 29 de julho. Vitor Gomes Pires, aluno do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Etapa de São Paulo, conquistou para o Brasil uma das medalhas de prata da competição. Pedro Teotonio de Sousa e Gabriel Ferreira Gomes Amgarten, ambos de Fortaleza (CE), receberam medalhas de bronze.

Andrey Jhen Shan Chen, do Colégio Etapa de Valinhos, integrou a equipe brasileira da 5ª Olimpíada de Matemática da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, realizada de 19 a 25 de julho na cidade de Praia, no Cabo Verde. Com medalha de prata, Andrey colocou-se em terceiro lugar entre os 24 estudantes participantes. A seleção foi feita de acordo com os resultados obtidos na Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM).



## MAS, MÁS, MAIS

[E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

## Chácara – Xácara

**Chácara** – quinta, pequena propriedade territorial. Ex.: Marcos foi passar os feriados na **chácara** de sua avó.

**Xácara** – narrativa poética popular. Ex.: “Hoje ainda, nos serões dos ranchos, os sertanejos cantam uma longa **xácara** que tem por título: O casamento do senhor do engenho.” (Coelho Neto)

